



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião  
do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - Consea**

**Palácio do Planalto, 24 de maio de 2006**

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido Chico Menezes, presidente Nacional do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional,

Meu caro dom Mauro Morelli, presidente dos Consea's de São Paulo e Minas Gerais,

Meus queridos companheiros e companheiras, conselheiros do Consea,  
Minha querida Conceição Maria Tutuca, representante da sociedade civil neste encontro, lá de Barbacena, das Minas Gerais,

Meus amigos, minhas amigas, minhas queridas crianças do Projeto Sabiá,

Bem, eu não participei do Encontro, portanto não sei tudo o que vocês discutiram. Houve uma coisa... eu queria dizer que vocês têm contribuído para que a gente reedue a classe política brasileira, reedue os governantes brasileiros e reedue, por que não dizer, todos nós, a compreender que o que estamos tentando fazer, e sabemos que ainda falta muito a ser feito, é dizer que este país tem uma maioria de homens, mulheres e crianças que precisam ser assistidos pelo Estado brasileiro, e que, portanto, nós precisamos abolir a palavra gasto quando se trata de dar educação, de dar saúde e de dar alimento a esse povo.

Na outra ponta, quando se investem bilhões e bilhões e não dá certo, simplesmente se fala “investimentos não bem-sucedidos”. Mas quantas vezes e quantas vezes nós fomos tripudiados porque ousamos, um dia, falar que



neste país tinha fome e que era possível acabar com a fome neste país? Quantas e quantas vezes disseram “puxa vida, por que é que não constrói estradas? Por que é que não faz um outro investimento que gere empregos, ao invés de ficar fazendo assistencialismo para cuidar de pobre?” E nós persistimos, persistimos, e não foi uma persistência fácil. Críticas e mais críticas, pessoas que desacreditavam, pessoas que não queriam entender o que estava acontecendo no Brasil. Passados 40 e poucos meses de governo, sem precisar ninguém pedir desculpas a ninguém, sem precisar ninguém fazer nenhuma grande defesa pela imprensa brasileira, o povo começou a se dar conta de que alguma coisa diferente estava acontecendo na vida dele. E começou a perceber que estava entrando um pouco mais de comida na sua casa, começou a perceber que aquelas coisas que eram inatingíveis, há pouco tempo, estavam ficando mais próximas dele.

E já estamos perto das 11 milhões e 400 mil famílias que nos propusemos, Patrus. Tem muita gente que está torcendo para que a gente chegue a 11 mil 399... 11 milhões, para dizer “não atingiram”. E eu gostaria de não atingir, porque certamente o número de pobres está caindo neste país, e o PNAD demonstra que 3 milhões de pessoas saíram do nível que estava colocado abaixo do nível da pobreza. Este mês, agora, Chico, só no mês de abril, 230 mil novos empregos com carteira assinada, 500 mil no primeiro quadrimestre, o maior quadrimestre desde 1992. E as coisas estão acontecendo porque nós sofremos para fazer acontecer. Não foram poucos os desaforos, porque não dizer, Patrus, quando te convidei para ser ministro, não foram poucas as vezes que você falou: “puxa, vida, eu estava tão bem como deputado federal, a minha obrigação lá era fazer um discurso, de vez em quando, metendo o pau na política econômica, e agora o Lula me chama para esse pepino aqui, e agora eu tenho que saber...” Eu ligava para o Patrus, eu via um programa à meia noite, eu ligava para o Patrus: “Patrus, você viu televisão? Você não viu, então procura ver, você tem que responder isso. Você



viu tal matéria no jornal? Patrus, tem que responder. Patrus, você viu o programa de rádio? Patrus, tem que responder, a gente não pode deixar nada passar”. E hoje o Patrus está com a cara boa, alegre. O quanto o nosso companheiro Graziano foi tripudiado e achincalhado...

Bem, o que nós estamos colhendo hoje da fisionomia de vocês é o resultado da perseverança, é o resultado de um grupo de seres humanos que não desiste nunca, que acredita no que está fazendo. Eu disse ao Patrus, hoje, que ele tem que ir a Araguaína. Ontem, em Araquáína, eu me deparei, no aeroporto, com a Prefeita e com umas 200 crianças, de 1.200 que estão no Peti, que você precisa ver. Na cidade de Ceres, eu encontrei uma menina de 10 anos do Peti, que só pelo fato daquela menina existir, com o grau de inteligência que ela tem, e uma criança que está há dois anos por conta do Peti, Patrus, eu acho que vale a pena acreditar que o pouco dinheiro que a gente dá para os pobres faz diferença na economia brasileira, faz diferença no desenvolvimento deste país.

Muita gente não tem noção das coisas, e eu mesmo aprendi muito viajando o Brasil, e muitas vezes a pessoa não dá valor. No programa Luz para Todos tem uma cena, no mínimo, antológica. Ao inaugurarmos o Luz para Todos numa casa, o marido contava que a mulher passou várias horas apertando a tomada e desligava, apertava e desligava. E ele ficou incomodado, primeiro porque podia queimar a lâmpada. Segundo, por aquele exagero. E ele perguntou para a mulher: “porque você fica acendendo e apagando a luz?” E a mulher falou: “pela primeira vez eu estou vendo a fisionomia do meu filho dormindo.”

Para quem já nasceu numa cidade que tem luz elétrica, isso não tem nenhum valor, como não tem nenhum valor você dar um dinheiro para a pessoa comprar o arroz e o feijão de cada dia para quem pode comer, tomar café, almoçar e jantar. Para esses, tudo que a gente fizer para os pobres é assistencialismo. Querer que pobre da periferia faça universidade, é um



exagero neste país; voltar a abrir escolas técnicas neste país é um exagero, porque não era para ter mais. Vejam uma coisa: a USP e a Unicamp e todo o sistema universitário público no estado de São Paulo têm 98 mil vagas. Só o ProUni, em São Paulo, em 14 meses, colocou 64 mil jovens na universidade brasileira, dos quais 40% afrodescendentes. E agora, no segundo semestre, vão entrar mais 47 mil jovens.

Então, quando eu resolvi tomar a decisão de abrir universidades neste país, e por que eu dizia que eu poderia fazer mais do que alguns? É porque eu tinha dentro de mim o sentimento daqueles que não tiveram a oportunidade, o sentimento daqueles que gostariam de ter feito e, no momento em que gostavam, não puderam fazer, e depois não tinham mais como fazer. Mas nós vamos terminar o ano, Patrus, com quatro universidades federais novas, seis faculdades transformadas em universidades e 42 extensões universitárias neste país.

Da mesma forma que nós aumentamos para nove anos o tempo de permanência das crianças nas escolas para tornar mais equânimes as crianças brasileiras, mais iguais, porque apenas uma parte da sociedade da classe média brasileira é que podia pagar uma pré-escola para o seu filho. A outra parte, as crianças entravam com sete anos. Então, quando entrava com sete anos, uma já estava alfabetizada, já conhecia um lápis, já conhecia um caderno, uma borracha, uma régua, a outra entrava analfabeta. Então diziam “aquela é mais burra do que aquela”. Não, apenas uma tinha tido mais oportunidade do que a outra. E o que nós fizemos foi estender a oportunidade para todos, para cumprir o direito constitucional de que todos têm que ser tratados igualmente perante a lei neste país.

E quando vocês fazem este encontro, em Brasília, e me entregam um documento, reconhecendo algumas coisas importantes e, possivelmente, notando que ainda falta fazer outras, eu digo sempre para vocês: se tem uma pessoa neste país de quem vocês nunca devem temer cobrar alguma coisa, é



de mim, porque eu sou o que sou porque aprendi a cobrar aquilo que eu tinha direito, aquilo que as pessoas tinham direito.

Às vezes quando vocês cobrarem, se eu estiver de cara feia, não pensem que estou zangado, não, porque a maior dívida e o maior legado que um governo pode deixar para o seu povo é a mudança da relação, é a mudança do patamar da relação entre o Estado e a sociedade, entre o governo e seu povo. E nós precisamos fazer essa coisa tão entrelaçada, essa coisa tão fortemente enraizada que quem quer que seja, daqui a 15 ou 20 anos, que governe este país, terá que lidar com uma sociedade brasileira organizada, terá que lidar com uma sociedade brasileira fazendo as suas conferências nacionais e cobrando, porque alguns têm direito de cobrar na Justiça, outros têm direito de cobrar na televisão, no rádio e no jornal, outros têm direito de cobrar em jantares e mais jantares de que participam.

Mas vocês só têm o direito de cobrar se organizando e mostrando força. Se ainda não acumularam toda força que precisam para cobrar mais deste companheiro que vos fala, eu posso dizer para vocês: cobrem, porque nós andaremos muito mais rápido, faremos muito mais e seremos muito mais precisos se formos cobrados. Se eu, o Chico Menezes e o Patrus sairmos daqui achando que está tudo bem, na próxima conferência vamos tomar muito cacete, porque as coisas não estavam tão bem como vocês disseram e como nós acreditamos. Então, é sempre importante a gente dizer: as coisas estão indo bem, podem andar muito melhor e podem ficar boas se a gente não descansar nunca, se a gente não parar nunca.

Portanto, meu caro Chico... O Chico sabe que quando foi aumentar o dinheiro da merenda escolar de 13 para 18 centavos eu não quis participar, porque eu achava uma vergonha aumentar 6 centavos. Foi um trabalho imenso para ele me convencer que era uma grande coisa, que estava congelada há mais de 10 anos, a 13 centavos, quando o dólar era um por um, era 13 *cents* de dólar. Chique! E agora que eu fui aumentar para 22 centavos, ele falou:



“isso é um sucesso extraordinário”. Eu não tinha dimensão. De qualquer forma, ainda é pouco, e nós precisamos sempre colocar mais, porque eu acho que quanto mais comerem, mais as nossas crianças vão ser inteligentes, mais as nossas crianças vão deixar de ser bandidas. E cada centavo que a gente colocar nessa política social, será um centavo a menos que nós iremos precisar colocar nas cadeias deste país, porque fica muito mais caro.

Portanto, meus parabéns a vocês, que Deus abençoe, e até a próxima Conferência.